

PRÓLOGO

Houvera apenas uma vez em que todos eles tinham estado juntos.

Encontraram-se havia muitos anos, quando eram novos, antes de tudo aquilo acontecer. Mas esse fora um encontro que deixara sombras ao longo de décadas.

Foi no primeiro domingo de novembro de 1947, para ser exato; e cada um deles se encontrou com todos os outros — na verdade, por alguns minutos, tinham estado todos juntos na mesma sala. Alguns esqueceram de imediato os rostos à sua frente e os nomes que lhes foram anunciados aquando das apresentações formais. Na verdade, alguns apagaram todo esse dia por completo da memória; e quando, vinte e um anos mais tarde, ele se tornou tão importante, tiveram de fingir recordar-se ao olharem as fotografias amareladas e murmurar «Ah, sim, claro» num tom de reconhecimento.

Aquele primeiro encontro fora uma coincidência, mas uma daquelas coincidências que não provoca assombro. Eram, na sua maioria, jovens aptos, destinados a exercer o poder, a tomar decisões e a forjar mudanças, todos de formas diferentes, nos seus diferentes países; e essas pessoas encontram-se frequentemente durante a sua juventude em locais como a Universidade de Oxford. Para além do mais, quando tudo aquilo sucedera, aqueles que não haviam estado envolvidos de início foram apanhados no torvelinho apenas porque tinham conhecido os outros em Oxford.

Na altura, contudo, não parecera ser um encontro marcante. Apenas mais uma daquelas festas típicas em que se beberricava

xerez, num local em que havia demasiadas dessas festas (e, na opinião dos alunos mais novos, xerez em quantidades insuficientes). Uma ocorrência habitual. Bom, quase.

Al Cortone bateu e esperou no patamar que fosse um morto a abrir-lhe a porta.

Nos últimos três anos, a suspeita de que o seu amigo morrera transformara-se em certeza. Em primeiro lugar, ouvira dizer que Nat Dickstein havia sido feito prisioneiro. Perto do final da guerra, começaram a circular histórias sobre o que se passava com os judeus nos campos nazis. Depois, no fim, veio ao de cima a verdade cruel.

Do outro lado da porta, ouviu-se um fantasma arrastar a cadeira no chão e atravessar a divisão em passos leves.

De súbito, Cortone sentiu-se nervoso. E se Dickstein estivesse inválido ou deformado? E se se tivesse tornado mentalmente desequilibrado? Nunca soubera como lidar com aleijados ou com malucos. Ele e Dickstein haviam-se tornado muito próximos durante alguns dias do ano de 1943; mas como estaria agora?

A porta abriu-se, e Cortone cumprimentou:

— Olá, Nat.

Dickstein mirou-o longamente, depois o rosto abriu-se-lhe num sorriso largo e saiu-se com uma das suas ridículas expressões populares de *cockney*: — Homessa, esta agora!

Cortone sorriu, aliviado. Apertaram as mãos, deram palmadas nas costas um do outro e soltaram uns mimos soldadescos só pelo gozo; depois, entraram.

O lar de Dickstein era constituído por uma divisão de teto alto de uma velha casa numa zona delapidada da cidade. Havia uma cama de solteiro cuidadosamente feita à maneira da tropa; um guarda-fatos pesado e antigo em madeira escura e um toucador a condizer; e uma mesa coberta de livros amontoados em frente de uma janela estreita. O quarto pareceu-lhe despido, pensou Cortone. Fosse ele a habitar ali, e disporia alguns objetos pessoais para o tornar mais pessoal: umas fotografias da família, as lembranças de Niágara e de Miami Beach, o troféu de futebol que ganhara no liceu.

— O que eu quero saber é como é que me encontraste? — inquiriu o amigo.

— Eu digo-te, e olha que não foi fácil. — Cortone despiu o casaco do uniforme e pousou-o em cima da cama estreita. — Levou-me a maior parte do dia de ontem. — Mirou o único cadeirão existente no quarto: ambos os braços inclinados em ângulos estranhos, uma mola a espreitar através dos crisântemos desbotados do tecido e um exemplar de *Teeteto* de Platão a substituir uma perna em falta. — Achas que seres humanos podem sentar-se naquilo?

— Não se estiverem acima de sargento. Mas...

— De qualquer das formas, esses não são humanos.

Riram-se ambos: era uma velha piada. Dickstein trouxe uma cadeira austríaca da mesa e escarranchou-se em cima dela. Fitou o amigo de cima a baixo por uns instantes e comentou: — Estás a ficar mais gordo.

Cortone acariciou a barriga ligeiramente proeminente. — Vive-se bem em Frankfurt: ficaste a perder com a desmobilização. — Inclinou-se e baixou a voz, como se partilhasse uma confidência: — Fiz uma *fortuna*. Em joias, porcelanas, antiguidades compradas com cigarros e sabão. Os Alemães estão a morrer à fome. E, o que é melhor, as raparigas fazem tudo por um chocolate. — Reclinou-se à espera de uma risada, mas Dickstein limitou-se a olhá-lo com uma expressão séria. Desconcertado, mudou de assunto, declarando: — Tu é que não 'tás nada gordo.

A princípio ficara tão aliviado por ver Dickstein ainda inteiro e a sorrir da mesma forma que não o observara com atenção. Agora apercebia-se de que o amigo não estava apenas magro: parecia débil, enfraquecido. Nat havia sido sempre pequeno e leve, mas agora parecia ser apenas ossos. A pele cadavérica e os enormes olhos castanhos por trás dos óculos de armação de plástico acentuavam o efeito. Entre o canelado da peúga e a dobra das calças espreitavam alguns centímetros de canela pálida quais palitos. Quatro anos antes, Dickstein fora moreno e rijo, tão resistente quanto as solas de couro das suas botas do Exército britânico. Quando Cortone se referia ao seu companheiro inglês, o que acontecia frequentemente,

costumava dizer: «O sacana do soldado mais duro e mais ruim que alguma vez me salvou a vida e olhem que eu não 'tou a emerdar ninguém.»

— Gordo? Não — retorquiu Dickstein. — Este país ainda está a rações de combate, pá. Mas vamos aguentando.

— Já passaste por pior.

O outro sorriu. — E comi.

— Foste feito prisioneiro.

— Em La Molina.

— Como diabo é que te apanharam?

— Foi fácil. — Dickstein encolheu os ombros. — Uma bala partiu-me uma perna e desmaiei. Quando acordei, estava num camião alemão.

Cortone olhou-lhe as pernas. — Saraste bem?

— Tive sorte. No meu camião do comboio de prisioneiros de guerra havia um tipo do corpo médico que me pôs o osso no lugar.

Cortone assentiu com a cabeça. — E depois o campo... — Pensou que talvez não devesse fazer perguntas, mas queria saber.

Dickstein desviou o olhar. — Passou-se tudo bem até eles terem descoberto que eu era judeu. Queres uma chávena de chá? Não tenho dinheiro para uísque.

— Não. — Quem lhe dera ter ficado calado, pensou. — De qualquer das maneiras, eu já não bebo uísque de manhã. A vida já não me parece tão curta como dantes.

O outro olhou-o novamente. — Eles decidiram descobrir quantas vezes é que podiam partir uma perna no mesmo sítio e conseguir curá-la.

— Meu Deus. — A voz de Cortone mal se ouviu num murmúrio.

— Essa foi a parte melhor — declarou Dickstein num tom de voz inexpressivo e desviou de novo o olhar.

Cortone exclamou: — Cabrões! — Não consegui pensar em mais nada para dizer. O rosto de Dickstein tomara uma expressão estranha; algo que nunca vira antes, algo que se assemelhava bastante a medo, apercebeu-se ele passados alguns instantes. Era estra-

nho. No fim de contas, já tinha acabado, não era? — Bem, c'os diabos, pelo menos ganhámos, não foi? — E deu um soco no ombro do outro.

Dickstein sorriu. — Pois ganhámos. Então, e o que fazes em Inglaterra? E como é que me encontraste?

— Consegui uma paragem em Londres a caminho de Buffalo. Fui ao Ministério da Guerra... — Cortone hesitou. — Deram-me uma morada em Stepney — continuou. — Quando lá cheguei, vi que só havia uma casa em pé em toda a rua. E nessa casa, debaixo de alguns centímetros de pó, descobri um velhote.

— O Tommy Coster.

— Exatamente. Bom, depois de beber dezanove chávenas de chá fraco e de ouvir a história da sua vida, ele mandou-me a outra casa depois da esquina, onde encontrei a tua mãe, bebi mais chá fraco e ouvi a história da vida dela. Quando consegui a tua morada, já era demasiado tarde para apanhar o último comboio para Oxford, portanto esperei até de manhã e cá estou eu. Só tenho algumas horas, que o meu navio parte amanhã.

— Foste desmobilizado?

— Dentro de três semanas, dois dias e noventa e quatro horas.

— E depois, o que é que vais fazer?

— Gerir o negócio de família. Nos últimos anos descobri que sou ótimo homem de negócios.

— Qual é a área? Nunca me disseste.

— Camionagem — retorquiu ele num monossílabo. — E tu? O que é isto com a Universidade de Oxford, por amor de Deus? O que é que estás a estudar?

— Literatura Hebraica.

— Estás a brincar.

— Antes de ir para a escola, eu sabia escrever hebraico, nunca te disse, pois não? O meu avô era um académico a sério. Vivia num quarto malcheiroso por cima de uma loja de empadas na Mile End Road. Sempre me lembro de ir lá todos os sábados e domingos. Nunca me queixei: eu adorava. Que outra coisa poderia estudar?

Cortone encolheu os ombros. — Não sei, física atómica talvez, ou gestão. Porquê estudar?

— Para ser feliz, esperto e rico.

O outro encolheu os ombros. — Continuas esquisito como sempre. Há muitas raparigas por aqui?

— Muito poucas. Além do mais, tenho muito que fazer.

Pareceu-lhe que Dickstein corava. — Mentiroso. Estás apaixonado, seu maluco. Já estou a ver. Quem é ela?

— Bom, para ser franco... — Parecia embaraçado. — Está fora do meu alcance. É a mulher de um professor. Exótica, inteligente, a mulher mais bonita que já vi.

Cortone fez uma expressão de dúvida. — Isso não parece promissor, Nat.

— Eu sei, mas ainda assim... — Dickstein ergueu-se. — Vais ver o que eu quero dizer.

— Vou conhecê-la?

— O professor Ashford dá neste momento uma festa de xerez. Fui convidado. Estava para sair quando chegaste. — Dizendo isto, vestiu o casaco.

— Uma festa com xerez em Oxford! — exclamou Cortone. — O que vão eles dizer em Buffalo quando souberem disto!